

Publicado em: Jesus M.; Baptista, C. e Serra, F. (2014), Perspetivas Contemporâneas em Recursos Humanos e Empreendedorismo, TMS Conference Series (2014), Universidade do Algarve/ESGHT, pp. 343-356.

O papel das experiências pessoais e profissionais na predisposição para a criação de novas iniciativas de empreendedorismo social

The role of family background and professional experience on the enactment of social new ventures

Susana Bernardino

Politécnico do Porto, CECEJ/ISCAP, Politécnico do Porto, Portugal

susanab@iscap.ipp.pt

J. Freitas Santos

CECEJ/ISCAP, Politécnico do Porto e NIPE, Universidade do Minho, Braga, Portugal

jfsantos@iscap.ipp.pt

RESUMO

O objetivo desta investigação é compreender até que ponto a experiência passada do empreendedor social condicionou a decisão de lançamento de uma iniciativa social. A investigação adota uma metodologia quantitativa, o que implicou o recurso à construção de um questionário que foi aplicado, sob a forma de inquérito *online*, às Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento registadas em Portugal e aos projetos cotados na Bolsa de Valores Sociais. Para o tratamento e a análise dos dados foram aplicadas técnicas de análise descritiva e técnicas de estatística inferencial (teste binomial e teste do qui-quadrado do ajustamento). Os resultados deste estudo confirmam o papel relevante que as experiências profissionais e pessoais passadas têm sobre a adoção de um comportamento socialmente empreendedor.

Palavras-Chave: Empreendedorismo social, iniciativa social, organizações do terceiro setor, antecedentes familiares, percurso profissional.

ABSTRACT

The main purpose of this research is to understand the extent to which social entrepreneur past experience affects the decision to create a new social venture. The research employs a quantitative approach by an online questionnaire as a data collection method which was administered to Non-Governmental Development Organizations registered in Portugal and to projects listed on the Social Stock Exchange. To analyze the primary data gathered, descriptive and inferential statistical tests were used, such as binomial test and chi-square test for goodness of fit. The results of this study confirm the important role that professional experience and family background have on the enactment of social new ventures.

Keywords: Social entrepreneurship, social venture, third sector organizations, family background, past professional experience.

1. Introdução

O empreendedorismo social traduz uma nova realidade, que conjuga, de um modo único, duas dimensões centrais: uma orientação empreendedora e uma vertente social. Nenhum dos conceitos de 'empreendedorismo' e 'social' são novos. O que torna o empreendedorismo social único é a combinação, numa mesma realidade de dois conceitos até aqui considerados distintos (Ziegler, 2009). O conceito de empreendedorismo social vem eliminar esta dicotomia, conjugando a criação de valor social com a criação de valor económico dentro de um nova tipologia institucional, onde a criação de valor em cada uma das dimensões se reforça mutuamente, com vista à otimização do valor total criado (Wilson & Post, 2013). A inclusão de uma vertente económica é considerada instrumental, pois é utilizada como suporte para a construção de uma resposta social duradoura, que potencie a continuidade do exercício da missão social da organização (Weerawardena & Mort, 2012).

Estes projetos surgem, frequentemente, da iniciativa de uma pessoa ou grupo de pessoas, com uma visão própria dos problemas a que procuram responder e com uma missão específica a cumprir. No centro do empreendedorismo social encontra-se a figura do indivíduo que despoleta e conduz uma iniciativa social e que está associada ao conceito de 'empreendedor social'. Este conceito inclui o ator, individual ou coletivo, que inspirado por um desejo de mudança social, orienta os seus esforços para a conceção e concretização de uma iniciativa empreendedora que viabiliza a resolução de um problema social.

O interesse sobre o empreendedorismo social em Portugal surge apenas no virar do século XX, com a intensificação do lançamento de iniciativas de empreendedorismo social e com o aparecimento dos primeiros trabalhos de investigação. Paralelamente, aparecem novas instituições que visam promover o desenvolvimento do empreendedorismo social em Portugal. Exemplo disso é a criação, em 2009, da Bolsa de Valores Sociais (BVS). Trata-se de um projeto pioneiro na Europa, e o segundo a nível mundial, que procura criar um espaço de encontro entre públicos interessados em apoiar uma causa social, com iniciativas da sociedade civil relevantes na área da educação e do empreendedorismo social que necessitam de financiamento.

Apesar do potencial que o empreendedorismo social representa, é uma área ainda pouco conhecida, onde são necessários novos contributos empíricos. Com esta investigação pretende-se aumentar o conhecimento deste campo de atividade, procurando-se conhecer em que medida as experiências profissionais e pessoais passadas do indivíduo influenciam a criação de novas iniciativas sociais em Portugal. Para atingir esse objetivo, numa primeira parte é definido o quadro teórico de referência, avançando-se, depois, para a apresentação da metodologia e hipóteses de investigação. De seguida, descrevem-se as características gerais da amostra, traça-se o perfil dos responsáveis pelas iniciativas sociais e discutem-se os principais resultados obtidos. A investigação encerra com as conclusões.

2. Revisão de literatura

O empreendedor social é visto como o resultado do contexto pessoal em que se encontra inserido, onde concorre um vasto número de fatores capazes de interferir na predisposição para o empreendedorismo social (Ármannsdóttir, 2011; London & Morfopoulos, 2010; Obschonka, Silbereisen & Schmitt-Rodermund, 2012).

Os investigadores têm procurado avaliar em que medida os fatores demográficos são capazes de influenciar a adoção de um comportamento socialmente empreendedor e a criação de iniciativas de empreendedorismo social. As investigações realizadas têm apontado como indutores do empreendedorismo social, entre outros as experiências profissionais e pessoais passadas.

2.1 Percurso profissional

A experiência profissional do indivíduo parece contribuir para o aparecimento do empreendedor social. A literatura tem apontado a influência da experiência em gestão (Sharir & Lerner, 2006; Van Ryzin, Grossman & DiPadova-Stocks, 2009), experiências empreendedoras anteriores (Estrin, Mickiewicz & Stephan, 2011; Terjesen, Lepoutre, Justo & Bosma, 2012) ou a insatisfação com a sua situação profissional anterior (London & Morfopoulos, 2010). A evidência empírica indica que os empreendedores sociais tendem a desenvolver a sua atividade em áreas que apresentam uma ligação direta com a sua profissão anterior (Ármannsdóttir, 2011) ou a que já tenham algum tipo de ligação (Ferreira, 2005).

Analisando o setor de proveniência, alguns investigadores identificam uma predominância de empreendedores sociais originários do setor social (Leahy & Villeneuve-Smith, 2009), enquanto Johnson (2003), por outro lado, sugere que os indivíduos com uma longa história de trabalho no setor social tendem a ser relutantes na aplicação da linguagem do setor privado, o que cria barreiras em relação à aceitação da prática do empreendedorismo social.

2.2 Antecedentes familiares

A investigação sugere que o desenvolvimento vocacional se inicia logo na infância do empreendedor (Obschonka *et al.*, 2012). Aliás, têm sido apontados como relevantes nos antecedentes do empreendedorismo social a participação na juventude em organizações e serviços de melhoria de bem-estar das pessoas (London & Morfopoulos, 2010), a formação ou participação em atividades organizadas por instituições religiosas (London & Morfopoulos, 2010), ou a competência empreendedora desenvolvida na adolescência (Obschonka *et al.*, 2012). De facto, muitos dos empreendedores sociais veem-se envolvidos em questões sociais numa idade precoce, mantendo o seu ativismo social na idade adulta (Ármannsdóttir, 2011; Barendsen & Gardner, 2004). A motivação surge, por vezes, da sua história pessoal ou da vivência de um problema social (Katre & Salipante, 2012). Adicionalmente, o *momentum* evidenciado ao longo do ciclo de vida familiar parece incidir sobre a propensão para o empreendedorismo social, em que releva a ocorrência de acontecimentos pessoais que provocam uma maior disponibilidade no indivíduo (London & Morfopoulos, 2010; Katre & Salipante, 2012) ou a sua necessidade de mudança (Ármannsdóttir, 2011).

A motivação para o empreendedorismo social surge muitas vezes emulada do percurso dos pais ou de irmãos mais velhos (London & Morfopoulos, 2010) ou explicada pelas crenças e normas sociais que predominam nos círculos de amigos e familiares. Estrin *et al.* (2011) confirmam o efeito positivo que o papel de um empreendedor de referência assume, sendo mais frequente a criação de uma iniciativa social quando o indivíduo conhece alguém que já é empreendedor.

3. Metodologia e hipóteses de investigação

A evidência empírica sugere a existência de um conjunto de fatores que desencadeia num determinado indivíduo (o empreendedor social) a vontade de criar uma iniciativa de empreendedorismo social, e que levam a que determinados indivíduos apresentem uma maior probabilidade de ser empreendedores sociais do que outros.

Com base na revisão de literatura são propostas duas hipóteses de investigação:

H1) O percurso profissional do indivíduo influencia positivamente a sua decisão de desencadear uma iniciativa de empreendedorismo social.

H2) Os antecedentes familiares do indivíduo influenciam positivamente a sua decisão de desencadear uma iniciativa de empreendedorismo social.

O estudo empírico tem como referência o caso português, avaliando os antecedentes familiares e a experiência profissional passada dos empreendedores que estiveram na origem da criação de novas iniciativas de empreendedorismo social. Como unidades de análise foram considerados os empreendedores responsáveis pela criação da organização social existente à data do inquérito. A constituição da amostra partiu das organizações do terceiro setor e dos projetos cotados na BVS. A amostra final a inquirir foi constituída por 99 Organizações Não-Governamentais de Cooperação para o Desenvolvimento (ONGD) e 29 projetos cotados na BVS.

A realização do trabalho empírico envolveu uma investigação quantitativa, através do inquérito por questionário administrado *on-line*. O processo de recolha de dados decorreu entre 19 de setembro de 2012 e 2 de janeiro de 2013. No final do processo foram coligidas 68 respostas, 24 de projetos cotados na BVS e 44 de ONGD. A taxa de resposta total junto dos projetos cotados na BVS foi de 82,8% e de 44,9% nas ONGD.

Para caracterização e descrição dos dados observados foram usadas técnicas de análise descritiva. Para teste das hipóteses de investigação recorreu-se ao teste binomial e teste do qui-quadrado do ajustamento. Estes testes mostraram-se adequados em função da dimensão da amostra, das escalas utilizadas no instrumento de notação (questionário), e da natureza dos dados a serem tratados (Maroco, 2010).

4. Amostra

O quadro 1 mostra que quase metade das organizações em análise (45.6%) tem uma idade superior a 10 anos e apenas 5 têm uma idade inferior a 3 anos. A baixa expressividade das organizações recentes pode ser explicada pelo tempo necessário para que as iniciativas adquiram o estatuto de ONGD ou para que efetuem as diligências necessárias para inclusão na BVS.

No que respeita à localização geográfica, constata-se que as organizações se encontram distribuídas pelas várias regiões do território nacional, muito embora com uma concentração na zona da grande Lisboa (52.9%), seguindo-se as zonas do Norte e Centro (cada uma com 14.7%), e Alentejo (7.4%). As regiões do Algarve e Ilhas apenas acolheram uma iniciativa. Algumas organizações (5) relatam estar presentes, em simultâneo, em várias localizações geográficas, algumas das quais fora do país.

Relativamente ao âmbito de atuação, metade das organizações (54.4%) afirma operar a nível internacional e quase um quarto a nível nacional (23.5%). As restantes organizações indicam atuar regionalmente (10.3%) ou localmente (11.8%). Para esta situação contribui a atuação marcadamente internacional das ONGD (77.3%), enquanto os projetos cotados na BVS denotam uma ação essencialmente nacional (41.7%) ou local (29.2%).

As organizações em análise abarcam quase todas as áreas sociais. Como o quadro 1 indica, o segmento mais citado é o trabalho com pessoas socialmente excluídas (44.1%), seguindo-se o das pessoas com carências financeiras (32.4%) e o trabalho com outras organizações ou associações (30.9%). Com menor expressão surgem as organizações que dedicam a sua atividade a pessoas idosas (23.5%), minorias étnicas (19.1%), ou pessoas com deficiências físicas ou necessidades especiais (16.2%). Não se assinalam discrepâncias relevantes entre o tipo de organização (BVS e ONGD) e o público-alvo abordado. A rubrica 'outros' foi reportada por um número significativo de organizações, onde se destaca o trabalho com crianças e/ou jovens (12 organizações) ou com toda a população (5). As organizações condensam a sua atividade num número restrito de questões sociais, onde quase metade delas (45.6%) opera exclusivamente numa das categorias inquiridas e apenas um quarto atua em mais do que três.

No que se refere à finalidade das atividades, anota-se que apenas um terço das organizações (32.4%) atua em esferas que não são servidas nem pelo Estado nem pelo setor empresarial. A grande maioria (79.4%) prossegue atividade em áreas em que existe já alguma intervenção, complementando os serviços oferecidos pelo Estado (48.5%) ou por outras organizações (30.9%), e só uma pequena fração (10.3%) indica concorrer com outras organizações sociais.

De entre as respostas obtidas (68), 45 foram fornecidas pelos responsáveis envolvidos na constituição da iniciativa social, sendo apenas estes os inquiridos quanto às suas características pessoais. Esta amostra é composta por cerca de 50% de presidentes da organização social, seguindo-se os membros da direção (15.6%), diretor (13.3%) ou técnico (11.1%), que embora com um número de respostas semelhante, são menos comuns nos promotores das iniciativas. Analisando a situação ocupacional dos inquiridos, verifica-se que é relativamente mais frequente que os promotores da organização atuem na condição de voluntários (51.1%) do que de colaboradores assalariados (48.9%).

Quadro 1 – Caracterização da amostra

Características	Total		ONGD		BVS	
	N (68)	%	N (44)	%	N (24)	%
Idade						
1-3 anos	5	7,4%	3	6,8%	2	8,3%
3-10 anos	32	47,1%	25	56,8%	7	29,2%
>10 anos	31	45,6%	16	36,4%	15	62,5%
Localização Geográfica						
Norte	10	14,7%	8	18,2%	2	8,3%
Centro	10	14,7%	8	18,2%	2	8,3%
Lisboa	36	52,9%	22	50,0%	14	58,3%
Alentejo	5	7,4%	2	4,5%	3	12,5%
Algarve	1	1,5%	1	2,3%	0	0,0%
Ilhas	1	1,5%	0	0,0%	1	4,2%
Varias	5	7,4%	3	6,8%	2	8,3%
Âmbito de atuação						
Local	8	11,8%	1	2,3%	7	29,2%
Regional	7	10,3%	3	6,8%	4	16,7%
Nacional	16	23,5%	6	13,6%	10	41,7%
Internacional	37	54,4%	34	77,3%	3	12,5%
Público-Alvo						
Pessoas idosas	16	23,5%	11	25,0%	5	20,8%
Pessoas com deficiência física e/ou necessidades especiais	11	16,2%	4	9,1%	7	29,2%
Minorias étnicas	13	19,1%	9	20,5%	4	16,7%
Pessoas com carências financeiras	22	32,4%	17	38,6%	5	20,8%
Refugiados	6	8,8%	6	13,6%	0	0,0%
Pessoas com problemas de dependências	4	5,9%	2	4,5%	2	8,3%
Pessoas socialmente excluídas/vulneráveis	30	44,1%	21	47,7%	9	37,5%
Animais	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Organizações e associações locais	21	30,9%	17	38,6%	4	16,7%
Outros	33	48,5%	22	50,0%	11	45,8%
Finalidade						
A atividade complementa os serviços oferecidos nos mercados	21	30,9%	11	25,0%	10	41,7%
A atividade complementa os serviços oferecidos pelo Estado	33	48,5%	21	47,7%	12	50,0%
A atividade concorre com outros fornecedores	7	10,3%	4	9,1%	3	12,5%
A atividade concorre com o Estado	2	2,9%	2	4,5%	0	0,0%
A atividade não é disponibilizada nem pelo Estado nem pela iniciativa privada	22	32,4%	16	36,4%	6	25,0%

Fonte: Elaboração própria

5. Resultados

Caracterizadas as organizações sociais e a posição que o indivíduo ocupa na organização, pretende-se agora analisar o seu perfil demográfico, para depois se avaliar a possibilidade da sua experiência profissional passada (H1) e de os seus antecedentes familiares (H2) terem influenciado (ou não) a adoção de um comportamento socialmente empreendedor

5.1 Género, Idade e Formação

No que diz respeito ao género (quadro 2), constata-se uma maior frequência de respondentes do sexo feminino (62.2%), evidente nos dois tipos de organizações, embora com maior expressão nos projetos cotados na BVS. Os dados sugerem uma maior apetência dos respondentes do género masculino por projetos de âmbito internacional (70.6%), enquanto os do género feminino se dividem essencialmente por projetos de âmbito nacional e internacional. Analisando o público-alvo da organização em função do género, não se assinalam diferenças significativas, com exceção das organizações que lidam com pessoas com deficiência física e/ou necessidades especiais, onde se verifica uma presença mais forte do sexo feminino. É de salientar

que a prevalência do gênero feminino tende a ser maior nas iniciativas mais recentes e nas idades menos avançadas (menos de 55 anos).

Examinando a distribuição etária dos indivíduos, verifica-se uma concentração das iniciativas nas faixas mais jovens (apesar de apenas se terem recebido respostas de indivíduos com mais de 18 anos), onde 26.7% dos indivíduos têm idade entre os 18 e os 34 anos e 40% entre os 35 e os 54 anos.

Quadro 2 - Caracterização geral do promotor da iniciativa de empreendedorismo social

Características	Total		ONGD		BVS	
	N (45)	%	N (32)	%	N (13)	%
Gênero						
Feminino	28	62,2%	17	53,1%	11	84,6%
Masculino	17	37,8%	15	46,9%	2	15,4%
Idade						
<18	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
18-34	12	26,7%	8	25,0%	4	30,8%
35-54	18	40,0%	12	37,5%	6	46,2%
55-64	6	13,3%	6	18,8%	0	0,0%
>65	9	20,0%	6	18,8%	3	23,1%
Nível de escolaridade						
Ensino primário	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ensino secundário	3	6,7%	2	6,3%	1	7,7%
Ensino superior	42	93,3%	30	93,8%	12	92,3%

Fonte: Elaboração própria

No que respeita ao nível de escolaridade, a grande maioria dos respondentes (93.3%) tem formação superior (evidente nos dois tipos de organizações), enquanto os restantes possuem formação ao nível do ensino secundário.

5.2 Percurso profissional

No quadro 3 observa-se que a maioria dos respondentes (77.8%) estava empregado aquando do seu envolvimento na iniciativa e apenas uma pequena percentagem referiu estar reformado (4.4%). Este perfil ocupacional é semelhante aos dois tipos de organizações (ONGD e BVS) e entre géneros. Dos indivíduos que se encontravam empregados (35 casos), cerca de metade provinha do setor empresarial e apenas uma reduzida fração (14.3%) do setor sem fins lucrativos. Assinala-se, porém, que os resultados diferem entre os dois tipos de organizações. De facto, enquanto nas ONGD os respondentes provêm do setor empresarial (54.2%) e do setor público (45.8%), com uma ligeira prevalência do primeiro, nos projetos cotados na BVS, o setor de origem mais comum é o das organizações sem fins lucrativos (45.5%), seguido do setor empresarial (36.4%) e, por fim, com menor expressão, do setor público (18.2%).

Quadro 3 - Antecedentes profissionais do promotor da iniciativa de empreendedorismo social

Características	Total		ONGD		BVS	
	N (45)	%	N (32)	%	N (13)	%
Situação ocupacional ^a						
Empregado	35	77,8%	24	75,0%	11	84,6%
Reformado	2	4,4%	2	6,3%	0	0,0%
Não ativo	8	17,8%	6	18,8%	2	15,4%
Setor de proveniência ^b						
Setor empresarial	17	48,6%*	13	54,2%*	4	36,4%*
Setor público	13	37,1%*	11	45,8%*	2	18,2%*
Setor sem fins lucrativos	5	14,3%*	0	0%*	5	45,5%*

* Indivíduos que no momento da criação da iniciativa se encontravam empregados; Total: N (35); ONGD: N (24); BVS: N (11);

a. Teste do qui-quadrado, $p\text{-value} < 0,000$, $\alpha = 0,05$.

b. Teste do qui-quadrado, $p\text{-value} < 0,004$, $\alpha = 0,05$.

Fonte: Elaboração própria

A realização do teste do qui-quadro, considerando a amostra no seu todo (quadro 3), sustenta que a situação ocupacional do indivíduo e o setor de onde o indivíduo provém, no caso de estar empregado, são relevantes para a criação de iniciativas de empreendedorismo social.

Quanto ao tipo de experiência que o empreendedor vivenciou para desenvolver uma iniciativa social, o quadro 4 mostra que a grande maioria dos respondentes (77.8%) estão satisfeitos profissionalmente com a ocupação anterior ao envolvimento na iniciativa social. Este sentimento é comum a todas as faixas etárias, com exceção dos indivíduos com menos de 34 anos. Deste modo, sugere-se que a satisfação pessoal se encontra condicionada pela situação ocupacional do indivíduo, dado que a generalidade dos indivíduos que se encontrava empregado ou reformado está satisfeito, enquanto é bem menor (37.5%) a proporção de indivíduos não ativos que refere estar nessa condição. É de referir também que os indivíduos que afirmam estar satisfeitos tendem a atuar na condição de voluntários, enquanto os insatisfeitos atuam essencialmente como colaboradores da organização.

Quadro 4 - Experiências anteriores à iniciativa

Questões relativas à experiência anterior à iniciativa	N (45)	%	Teste Binomial* p-value
Antes desta iniciativa alguma vez criou alguma organização?	14	31,1%	0,016
Os seus pais alguma vez criaram uma organização?	9	20,0%	0,000
Os seus familiares e amigos alguma vez criaram uma organização?	24	53,3%	0,766
Antes de estar envolvido nesta iniciativa já tinha estado envolvido em projetos sociais anteriores?	35	77,8%	0,000
Antes de se ter envolvido nesta iniciativa já tinha tido experiências na gestão de organizações?	28	62,2%	0,135
Na sua juventude alguma vez participou em movimentos associativos?	27	60,0%	0,233
Antes de se envolver na iniciativa ocorreram mudanças significativas na sua vida pessoal?	24	53,3%	0,766
Antes de se envolver nesta iniciativa encontrava-se satisfeito com a sua situação profissional?	35	77,8%	0,000
Antes de se envolver na organização conhecia alguém que lhe fosse próximo que tivesse um problema relacionado com a missão da organização?	17	37,8%	0,135
Tomou contacto com a questão social tratada pela organização desde a juventude?	23	51,1%	1,000
Tomou contacto com a questão social tratada pela organização alguns anos antes de ingressar na organização?	24	53,3%	0,766

* Teste ao valor de 50%, $\alpha=0,05$.

Fonte: Elaboração própria

5.3 Antecedentes familiares

No que se refere à situação pessoal do indivíduo, constata-se que a proporção de indivíduos que menciona terem ocorrido alterações significativas na sua vida pessoal (53.3%) é muito semelhante à que respondeu negativamente. Os resultados diferem, todavia, quando se entra em consideração com a idade dos respondentes, onde a maioria dos indivíduos entre os 35 e os 64 anos refere não terem ocorrido mudanças significativas, verificando-se o inverso nos demais indivíduos (mais jovens ou já em idade da reforma). Anota-se ainda que a satisfação profissional se encontra associada, de um modo estatisticamente significativo, à ocorrência de mudanças no campo pessoal, onde os indivíduos mais satisfeitos são aqueles que indicam não ter experimentado alterações substanciais.

O quadro 4 analisa, ainda, o 'contexto empreendedor' do indivíduo, verificando-se que a maioria dos respondentes nunca criou anteriormente qualquer organização (67%), sendo este facto particularmente notório nos respondentes do género feminino (82.1%), nem os seus pais (80%), familiares ou amigos (46.7%). A criação prévia de outras organizações é, porém, mais frequente em indivíduos cujas pessoas mais próximas já tenham criado organizações, em particular os seus pais. Constata-se, também, que os indivíduos que não se encontravam ativos aquando do envolvimento na iniciativa são os que menos referem ter criado outras organizações (apenas 12.5%). De realçar que a maioria dos indivíduos (62.2%) já tinha experiência na gestão de organizações, antes do envolvimento na iniciativa, particularmente evidente nos indivíduos do género masculino ou com uma tradição, pessoal ou contígua, na criação de organizações. Ressalva-se, contudo, que não se encontram diferenças expressivas no cargo ocupado pelo indivíduo pelo facto de este ter experiência em gestão.

No que respeita às experiências pessoais anteriores, observa-se que a maioria dos inquiridos já havia participado noutros projetos sociais (77.8%) ou em movimentos associativos na juventude (60.0%). Estes resultados apontam para a importância que a interação e cooperação social, desenvolvidas no âmbito da sociedade civil, podem ter sobre o desenvolvimento do espírito socialmente empreendedor. De salientar, ainda, que a maioria dos indivíduos que já participou em movimentos sociais atua como voluntário, enquanto se verifica a situação oposta nos demais indivíduos.

Analisando a proximidade prévia com o problema social, verifica-se que a maioria dos indivíduos (62.2%) não conhecia ninguém próximo com um problema semelhante ao da missão da organização. No entanto, esta realidade varia consoante a idade do respondente, pois enquanto nas classes etárias mais jovens e mais elevadas (até aos 34 anos e superior aos 65 anos) predomina a situação de não proximidade ao problema, nas faixas intermédias (entre os 35 e os 64 anos) a situação é mais frequente. De acrescentar que apenas nas iniciativas que se dedicam a públicos com dependências se verifica um forte conhecimento de alguém com o problema social a que a organização se dedica. Nas restantes organizações, muitas delas que abordam problemas transversais à sociedade é mais comum a situação de não conhecimento. De uma forma não surpreendente, verifica-se ainda que a afinidade com a questão social é mais frequente nas iniciativas de âmbito local e/ou regional, mais sentidas pelas pessoas que estão próximas do promotor da iniciativa. Nas iniciativas com projeção internacional, este conhecimento apenas se verifica numa baixa proporção dos inquiridos (32.1%).

Relativamente ao momento em que o indivíduo tomou contacto com a questão social, verifica-se que na grande maioria dos casos (71.1%) o contacto com a questão social não é recente, tendo ocorrido alguns anos antes do ingresso do indivíduo na organização (53.3%) ou até mesmo durante a sua juventude (51.1%). Esta situação sugere que ainda que não haja um conhecimento pessoal do problema em questão, existe uma consciencialização sobre o mesmo que começou a ser desenvolvida anos antes de abraçar a iniciativa. É de observar que o contacto prévio com a questão social prevalece apenas entre os indivíduos que provêm do setor empresarial (70.6%) ou do setor público (53.8%), ocorrendo de uma forma diminuta nos indivíduos oriundos do setor sem fins lucrativos (20%).

Após uma descrição dos principais resultados obtidos, importa agora testar a possibilidade de estes fatores influenciarem a propensão para o empreendedorismo social. Para o efeito, recorreu-se ao teste binomial já referido anteriormente.

A análise do quadro 4 revela que apenas quatro variáveis são estatisticamente diferentes do valor neutral (proporção de 50% em questões dicotómicas): o indivíduo nunca ter criado uma organização, os seus pais nunca o terem feito, o envolvimento anterior em projetos sociais e a satisfação com a situação profissional. Nas restantes variáveis não se encontraram diferenças significativas.

Em resumo, pelos resultados acabados de apresentar aceita-se a hipótese de que o perfil demográfico do indivíduo influencia a sua propensão para a criação da iniciativa social, para o qual relevam a experiência profissional (H1) e os antecedentes familiares (H2). Confirma-se, assim, que a situação profissional precedente influencia a criação de iniciativas sociais, verificando-se uma maior propensão nos indivíduos satisfeitos com a sua situação profissional e com emprego (em particular no setor empresarial). Os indivíduos ou os seus pais que nunca criaram uma organização são também mais suscetíveis de serem empreendedores sociais. Confirma-se ainda a influência das experiências pessoais anteriores, nomeadamente a participação em projetos sociais, que parece aumentar a predisposição para o desencadear de uma iniciativa social.

6. Discussão de resultados

O principal objetivo do artigo passava por compreender quais os antecedentes da criação das iniciativas de empreendedorismo social em Portugal. Este objetivo foi conseguido, indicando o teste de hipóteses que o envolvimento em iniciativas sociais é condicionado pelo perfil demográfico do indivíduo.

Outro fator confirmado como relevante para a formação das intenções de criação da iniciativa social é o percurso profissional passado. Verifica-se que, em termos globais, uma maior satisfação profissional é favorável à adoção de um comportamento socialmente empreendedor, contrariando os argumentos de que o empreendedorismo social pode ser encarado como uma forma de se compensar o descontentamento profissional (London & Morfopoulos, 2010).

Relativamente à situação ocupacional, verifica-se que a maioria dos indivíduos estava empregada e que essa condição influencia a propensão para o empreendedorismo social. Este resultado, que não deixa de ser curioso, é semelhante ao apurado por Harding e Cowling (2006) e por Bacq, Hartog, Hoogendoorn e Lepoutre (2011), que apontam para que a maioria dos empreendedores sociais, aquando do envolvimento na iniciativa, possuía um emprego remunerado.

Quanto à preponderância dos indivíduos provenientes do setor empresarial no empreendedorismo social, este facto poderá ser interpretado pela facilidade com que estes profissionais podem aplicar técnicas empresariais à resolução de questões sociais. O mesmo constata Ármannsdóttir (2011), para quem os empreendedores sociais propendem a atuar em áreas ligadas à profissão anterior. Ora, ao enveredarem pelo empreendedorismo social estão a dar continuidade à utilização de um conjunto de práticas empresariais nas organizações sociais. O setor sem fins lucrativos é o menos comum entre os empreendedores sociais, o que

contraria Leahy e Villeneuve-Smith (2009) que afirmam existir uma forte presença de indivíduos deste setor. Johnson (2003) aponta como justificação serem os indivíduos com uma vasta experiência no setor social os que tendem a ser relutantes na utilização de uma linguagem empresarial e, por consequência, a serem mais tradicionais na conceção de um modelo de resposta social.

Indivíduos oriundos do setor social não costumam ter um contacto prévio com a questão social a tratar, o que poderá justificar-se pelo altruísmo que leva os indivíduos a atuarem independentemente do conhecimento prévio do problema social em questão. Indivíduos oriundos do setor empresarial ou público, pelo contrário, tendem a centrar a sua intervenção apenas em problemas específicos pelos quais desenvolveram uma sensibilidade e consciência social.

A apreciação conjunta da situação profissional e idade do indivíduo remete para a existência de três categorias de empreendedores sociais. Um primeiro grupo que inclui os indivíduos que se encontram na meia-idade, têm um percurso pessoal e profissional estável, e quando abraçam o empreendedorismo social tendem a fazê-lo como voluntários. Um segundo agrupa os indivíduos com mais de 65 anos, que poderão encontrar no empreendedorismo social uma forma de compensar o vazio ocupacional imposto pelo novo modelo de vida, decorrente do final da sua atividade profissional remunerada. Um terceiro grupo é composto por indivíduos mais jovens que tendem a apresentar uma situação menos estável, quer do ponto de vista profissional (que se encontram insatisfeitos) quer do ponto de vista pessoal (com a ocorrência de mudanças pessoais significativas), o que aponta para o exercício do empreendedorismo social como uma alternativa profissional, que conjuga o desenvolvimento de uma carreira com a resolução de problemas sociais.

Em resumo, enquanto alguns indivíduos veem o empreendedorismo social como alternativa profissional, outros encaram-no como um exercício de voluntariado. Muito embora a condição de voluntário não impeça a aplicação de práticas empreendedoras ou de uma gestão profissional, acredita-se que a disponibilidade para acompanhar os destinos da iniciativa seja importante para o sucesso da mesma. Para a emergência destes três perfis de empreendedores sociais admite-se que tenham sido ponderados os desafios impostos pela iniciativa social, que levam os indivíduos que beneficiam de uma situação profissional estável a não abdicarem da condição salarial que o seu emprego oferece.

Estes perfis, que correspondem a diferentes fases na teoria neoclássica do ciclo de vida, indiciam que o empreendedorismo social é uma esfera bastante heterogénea, onde se encontraram perfis demográficos diferenciados.

Os testes de inferência estatística confirmam ainda a influência positiva da participação anterior em projetos sociais, o que aponta para a importância que a interação e cooperação social, desenvolvidas no âmbito da sociedade civil, têm sobre a construção do espírito do empreendedor social. Confirma-se, deste modo, as posições defendidas por London e Morfopoulos (2010), Ármannsdóttir (2011), Obschonka *et al.* (2012) e Barendsen e Gardner (2004), que subscrevem ser o ativismo social inculcado na juventude, tendendo a manter-se na idade adulta. Para além disso, observa-se que na maioria dos indivíduos o contacto com a questão social não é recente e que a consciencialização sobre a questão social começa a ser formada anos antes do envolvimento na iniciativa, o que é congruente com a realidade identificada por Ferreira (2005).

A investigação indica ainda que os indivíduos que nunca criaram uma organização ou cujos pais nunca o fizeram são os que mais se envolvem no empreendedorismo social. *A priori* poder-se-ia conjecturar uma relação de sentido inverso, porém os resultados não são totalmente surpreendentes, pois os investigadores não são unânimes no reconhecimento da associação entre o nível de empreendedorismo económico e o nível de empreendedorismo social (Estrin *et al.*, 2013; Terjesen *et al.*, 2012). Para se compreender melhor este resultado aparentemente paradoxal, avançou-se para uma análise mais pormenorizada dos dados. De entre os inquiridos que nunca criaram uma organização, a esmagadora maioria refere que os seus pais também não o haviam feito. Para além disso, os indivíduos cujos progenitores já constituíram uma organização tendem, eles próprios, a experienciar uma situação semelhante, o que vai de encontro à teoria da aprendizagem social, sobre a influência do papel dos pais no ato de empreender. Daí que os resultados obtidos possam ser interpretados à luz da baixa tradição empreendedora verificada entre os inquiridos, plausivelmente originada pelo baixo nível de atividade empreendedora do país.

Para terminar a análise ao perfil do indivíduo, merece ainda referência o facto de o *momentum* pessoal experienciado não parecer ser um preditor credível do comportamento socialmente empreendedor, o que contraria a ideia apontada pela literatura de que o empreendedorismo social representaria uma resposta à necessidade de mudança na vida do indivíduo (Ármannsdóttir, 2011; Katre & Salipante, 2012; London & Morfopoulos, 2010).

7. Conclusões

O propósito desta investigação foi conhecer o perfil do empreendedor social em Portugal e compreender em que medida a decisão de criação de uma organização social é condicionada pelo perfil demográfico do indivíduo (o empreendedor social). O interesse da investigação justifica-se pela relevância académica do tema e pelo enorme potencial que o empreendedorismo social representa para a criação de valor social.

O estudo realizado permitiu confirmar que o empreendedorismo social é, ainda que em parte, influenciado pelos fatores contingenciais inerentes ao indivíduo, como a posse de um emprego remunerado no setor empresarial,

o estar satisfeito com a sua situação profissional, ter participado em projetos sociais anteriores e a (não) criação prévia de organizações pelo indivíduo ou pelos seus pais. Estes fatores mostraram-se positivamente relacionados com a iniciativa social e, por isso, com a propensão para o empreendedorismo social.

A investigação empírica permitiu, ainda, identificar a existência de três perfis de empreendedores sociais que emergem na sequência de contextos pessoais e profissionais distintos. Um primeiro alia a prática do empreendedorismo social, na condição de voluntário, ao exercício de outras atividades profissionais remuneradas que já exercia, e com as quais se encontra satisfeito. Um outro grupo é composto por indivíduos que se encontram já em idade de reforma e que estabelecem a sua cooperação a título de voluntariado. Uma terceira categoria é composta por indivíduos em idade ativa, que não se encontram empregados ou estão insatisfeitos com a sua situação profissional, que tendem a envolver-se no empreendedorismo social como uma atividade profissional remunerada. Estes resultados reforçam a ideia de que o empreendedorismo social é um campo muito heterógeno, que engloba perfis bastante diferenciados e que permite colmatar diferentes necessidades individuais, apresentando como denominador comum a vontade de criar valor social.

Referências Bibliográficas

- Ármanndóttir, A. (2011). *The Icelandic social entrepreneur: The key motivational factors pursuing social behavior*. Saarbrücken: Lambert Academic Publishing.
- Bacq, S., Hartog, C., Hoogendoorn, B., & Lepoutre, J. (2011). Social and commercial entrepreneurship: Exploring individual and organizational characteristics. *Scales Research Reports, EIM Business and Policy Research*. Acedido em janeiro 29, 2012, em http://www.ondernemerschap.nl/sys/cftags/assetnow/design/widgets/site/ctm_getFile.cfm?file=H201110.pdf&perId=615
- Barendsen, L., & Gardner, A. (2004). Is the social entrepreneur a new type of leader? *Leader to Leader*, 34, 43–50.
- Estrin, S., Mickiewicz, T., & Stephan, U. (2011). For benevolence and for self-interest: Social and commercial entrepreneurial activity across nations. *IZA Discussion Paper No. 5770*. Acedido em janeiro 29, 2012, em <http://ssrn.com/abstract=1867039>
- Ferreira, S. (2005). O que tem de especial o empreendedor social? O perfil de emprego do empresário social em Portugal. *Publicações Oficina do CES*, 223. Acedido em novembro 16, 2011, em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/223/223.pdf>
- Harding, R., & Cowling, M. (2006). *Social entrepreneurship monitor*. London: London Business School.
- Johnson, S. (2003). *Young social entrepreneurs in Canada*. Canadian Centre for Social Entrepreneurship.
- Katre, A., & Salipante, P. (2012). Start-up social ventures: Blending fine-grained behaviors from two institutions for entrepreneurial success. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36 (5), 967 -994.
- Leahy, G., & Villeneuve-Smith, F. (2009). *State of social enterprise survey*. London: Social Enterprise Coalition.
- London, M., & Morfopoulos, R. (2010). *Social entrepreneurship: How to start successful corporate social responsibility and community-based initiatives for advocacy and change*. London: Routledge.
- Maroco, J. (2010). *Análise Estatística com utilização do SPSS*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Obschonka, M., Silbereisen, R., & Schmitt-Rodermund, E. (2012). Explaining entrepreneurial behavior: Dispositional personality traits, growth of personal entrepreneurial resources, and business idea generation. *The Career Development Quarterly*, 60 (2), 178-190.
- Sharir, M., & Lerner, M. (2006). Gauging the success of social ventures initiated by individual social entrepreneurs. *Journal of World Business*, 41 (1), 6-20.
- Terjesen, S., Lepoutre, J., Justo, R., & Bosma, N. (2012). *2009 Report on social entrepreneurship, Global Entrepreneurship Monitor*. Acedido em fevereiro 10, 2013, em <http://www.gemconsortium.org/docs/2519/>
- Van Ryzin, G., Grossman, S., DiPadova-Stocks, L., & Bergrud, E. (2009). Portrait of the social entrepreneur: Statistical evidence from a US panel. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 20 (2), 129-140.
- Weerawardena, J., & Mort, G. (2012). Competitive strategy in socially entrepreneurial nonprofit organizations: Innovation and differentiation. *Journal of Public Policy & Marketing*, 31 (1), 91-101.
- Wilson, F., & Post, J. (2013). Business models for people, planet (& profits): Exploring the phenomena of social business, a market-based approach to social value creation. *Small Business Economics*, 40 (3), 715-737
- Ziegler, R. (2009). *An introduction to social entrepreneurship: Voices, preconditions, contexts*. Cheltenham: Edward Elgard Publishing.